



Suely Nassif
a vida que escrevi

Suely Nassif

A vida que escrevi

– *Suely Passos Nassif* –
Belo Horizonte – MG – 1ª Edição – 2018

Copyright © 2018 by Suely Passos Nassif

Todos os direitos reservados para a autora.

Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Revisado conforme o Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde janeiro de 2009

Preparação:
Suely Passos Nassif

Capa:
Michèle C.V.Godefroid

Digitação:
Michèle C.V.Godefroid

Ilustrações de capa e miolo
Fotografia do acervo pessoal da autora

Revisão/Formatação Michèle C.V.Godefroid

Ficha catalográfica
Elaboração Fátima Falci - Reg.: CRB/6-700

920.72 Nassif, Suely Passos, 1952-
N268s Suely Nassif: a vida que escrevi / Suely Passos Nassif. - Belo Horizonte: Ed. Do Autor; 2018.
136 p.: il. fots. p&b, color; 21 cm.
ISBN: 978-85-924361-0-0
1. Autobiografia. 2. Suely Nassif - Autobiografia. 3. Escritores baianos. I. Título.
CDD - 920.72
CDU - 929(81)

Esta vida escrita é uma história contada, cheia de tempo e contratempo, silêncios e ruídos, lágrimas e sorrisos, segredos e sentimentos. Senão todos, os que mais distinguiram o caráter da contadora até o ano presente.

Tudo que nesta memória repousa demonstra uma personalidade destemida que desejou evoluir, pretendeu verdade, amor, consciência e dignidade. Uma vida que começou num dado lugar, transitou outros e guardou a lembrança do seu percurso, dos seus fatos e das pessoas que com ela caminharam.

Pois ninguém faz algo em vão. Por trás de cada atitude, cada ousadia, existe algo que nos faz melhores e maiores. Oscar Wilde disse uma vez: “todos sabem fazer histórias, mas só os grandes sabem escrevê-la”.

Parabéns, Suely, por tê-la escrito.

Para mim você é, sim, uma autora que, ao escrever a história de sua vida, se grava, eterna, em nossos corações.

Só temos a agradecer e parabenizar.

Com amizade,

Michèle Christine Valerie Godefroid

2016/2017



Suely Nassif
a vida que escrevi

Agradecimentos

Aos meus médicos,

Dra. Fátima Crestanello Piovesan minha ginecologista que cuidou de mim como se eu fosse uma pessoa de sua família.

Dra. Fátima Crestanello Piovesan é Ginecologista e cirurgiã com especialidade em Ginecologia no Hospital Santa Isabel. É formada pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. É Médica Homeopática formada pela Universidade do Paraná. É Médica Nutrição Multifuncional Avançada (NASA). Faz parte da ABM – Associação Baiana de Medicina.

Dra. Elisiane Gadelha, minha mastologista, que me ajudou com determinação e carinho a vencer o câncer de mama.

Dra. Elisiane Gadelha é graduada em Medicina pela UFBA – Universidade Federal da Bahia. Fez residência Médica em cirurgia geral no Hospital Santo Antônio (Irmã Dulce) e em mastologia no Hospital São Rafael, ambas em Salvador BA. É Médica Mastologista e Cirurgiã no Hospital Santa Isabel. É membro do Colégio Brasileiro dos Cirurgiões. É membro titular da Sociedade Brasileira de Mastologia.

Dr. Francisco Dantas meu oncologista, excelente profissional, perene acompanhante desde as sessões de quimioterapia ao incentivo de escrever esse livro. Não esqueço as suas palavras quando lhe entreguei o resultado dos exames em dezembro de 2015:

— *“Sueley Nassif, não tenha a menor dívida no que estou lhe dizendo agora: você está completamente curada! E quando a palavra câncer vier em seu pensamento, coloque debaixo dos seus pés e diga: No meu corpo não tem lugar para você.”*

Muito obrigada, Dr. Francisco Dantas! Você devolveu a minha vida! Aqui está o livro! E como você sugeriu, começando das minhas origens.

Ao meu marido, Pedro Elias Pinheiro Nassif, por me aceitar como sou e ao longo desses anos me apoiar com carinho.

À amiga Michèle Christine Valerie Godefroid a quem incumbi a revisão e formatação deste trabalho que conta minha história de vida.

Edição da Autora
Jacuípe, Bahia – 2016/2017

Homenagem

A meus pais.

(In memoriam)

Tenho orgulho de ser filha de um casal que me trouxe ao mundo e me preparou para ser uma pessoa que soubesse tomar decisões.

Eles me ensinaram a ser obediente, organizada, pontual e discreta. Educaram-me com o rigor dos anos 50 no século XX para crescer sabendo “respeitar a mim mesma” e respeitar a quem fizesse parte do meu mundo.

Meus pais confiavam em mim, acreditavam no meu potencial de grandeza, me encorajavam em situações difíceis.

Eles mostraram meus erros e deixaram a direção do caminho ser escolhida por minha própria decisão e a responsabilidade que eles me impuseram me fez ser a mulher que sou, sem nunca, na minha vida, cometer algum ato que os decepcionasse.

Tenho muito do caráter de Fernando Nassif e a aparência física, embora algumas pessoas me achem parecida com minha mãe. Dela eu guardo a alegria de expressar, em momentos especiais, as palavras de carinho que me tiravam das tristezas do dia-a-dia, especialmente em ambiente de trabalho.

É de meu pai a frase: “Uma mulher deve ter vergonha e capricho”.

Quando eu fiquei só eu pedi a Deus: “Senhor, me faça conservar a vergonha e o capricho que meus pais me ensinaram a ter para eu viver a minha vida com dignidade”.

Muito obrigada, Fernando Nassif e Alda de Freitas Passos Nassif pela educação, pelos princípios, pelos valores que vocês me ensinaram.

Sua filha, sempre, aqui e na eternidade.

Agradecimentos.....	7
Homenagem.....	9
Prefácio.....	13
Introdução.....	15
CAPÍTULO I – Meu nascimento.....	17
CAPÍTULO II – Minha infância.....	23
CAPÍTULO III – Festas de aniversário e fase escolar.....	31
CAPÍTULO IV – Estudante na cidade de Santo Amaro.....	35
CAPÍTULO V – Festa de quinze anos.....	43
CAPÍTULO VI – Meu primeiro e segundo empregos.....	47
CAPÍTULO VII – A Universidade.....	51
CAPÍTULO VIII – Professora de nível universitário.....	55
CAPÍTULO IX – Professora Aposentada// Período de enfermidade – Venci o câncer.....	61
CAPÍTULO X – Meu casamento.....	67
CAPÍTULO XI – Minha família paterna e materna.....	75
CAPÍTULO XII – A Astrologia em minha vida.....	81
CAPÍTULO XIII – O tempo da poesia.....	85
A dança as flores.....	87
Tua ausência.....	88
A meu pai.....	89
Soneto da suavidade.....	91
Música ao longe.....	92
E o tempo passou.....	93
Ode a 8 de Janeiro.....	94
CAPÍTULO XIV – Meus textos.....	97
– Quando a tristeza chegar –.....	97
– Amigo –.....	98
– Viver –.....	99
CAPÍTULO XV – Comentários.....	101
Memória fotográfica.....	105

Em 4 de dezembro de 2016, 19:10 Suelly Passos Nassif escreveu:

Olá, Michèle.

Chegou inspiração por aqui. Não sei se você vai gostar.

Quando eu disse à Michèle Godefroid que estava escrevendo um livro sobre minha vida ela demonstrou alegria e vontade de ler. Eu respondi que quando ficasse pronto enviaria para ela fazer a leitura, porém eu me sentia envergonhada. (achava que o que eu escrevia não fosse tão importante).

Michèle me respondeu:

— "Seja ousada! Eu vou me sentir honrada em ser a primeira pessoa a fazer a leitura do seu livro".

E criei coragem para terminar de escrever uma história que fazia algum tempo começava e não encontrava ânimo para concluí-la.

Enviei meus escritos para Michèle, confesso que cheia de vergonha, e disse-lhe que podia fazer correções.

Ela gostou fez um grande trabalho de correção, formatação, sugestões...

E essa "ousadia" me fez "corajosa" ao revelar fatos da minha vida de maneira "inovadora" por Michèle na organização dos capítulos, fugindo da tradicional maneira de escrever biografias.

Dentre tantos significados para esse adjetivo – "ousada"- do nosso idioma, Michèle me fez sentir:

"Alentada" – porque criei fôlego, inspiração para continuar a escrever.

"Animosa" – com calor e entusiasmo na execução da tarefa de concluir para ela fazer a leitura.

"Impetuosa" – no sentido de concluir rapidamente, pois, não queria ficar com conversa desculposa caso ela me perguntasse pelo livro.

E está belíssimo!

Inovador!

Em 4 de dezembro de 2016, 19:48 Michèle Godefroid escreveu:

Meu Deus do céu!!!! E que inspiração!!!

E, se fiz parte dela, fico agradecida, honrada e feliz de ter despertado sentimentos que impulsionaram a sua coragem. Mais ainda pela mostra de um trabalho compensador e bonito, pois sem a sua conquista o prazer de ter ajudado não se faria presente. Quem agradece sou eu.

Sinta-se orgulhosa com este seu feito, a Sueby que soube escrever a sua vida.

Parabéns pra você.

“...que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc.

Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

Manoel de Barros

Este livro eu o escrevi com o objetivo de contar a minha história, narmando fatos do meu nascimento, infância, adolescência, educação, formatura, vida universitária, profissional, minha saúde, casamento, descendência e crenças.

Enquanto escrevia, recordei fatos e me alegrei por deixá-los registrados para todos aqueles que, de várias formas, estiveram juntos comigo na minha caminhada, o que vivi com amor, felicidade, ou tristeza e lágrimas.

Minha vida!

Para todos, com amor.

CAPÍTULO I – Meu nascimento

“Por tanto amor, por tanta emoção a vida me fez assim doce ou atroz, manso ou feroz, eu caçador de mim”...

Milton Nascimento

Eu cheguei a este mundo visível de meu Deus da mesma maneira que todos os humanos chegam através de parto normal. Cheguei toda enrolada no meu cordão umbilical. Tenho guardado até os dias de hoje o pedaço que secou no meu umbigo, porque minha mãe não o jogou no lixo ou o enterrou como era o costume daquela época. E espirrei. Isso mesmo. Toda criança chora ao nascer, eu espirrei. Minha tia Celina, tia Cecy, irmã de meu pai, bateu no meu bumbum para eu chorar.

Nós não tínhamos a nossa casa e o parto de minha mãe foi feito por uma velhinha chamada Dona Mariquinha que era a parteira da época. O local foi no fundo da nossa padaria onde meus pais moravam naquele tempo, até a minha chegada às 13h50min do dia 26 de junho de 1952, séc. XX.

A cegonha, como era comum dizer, me trouxe no mês mais alegre do ano; o mês das festas juninas, muita alegria, comilanças, danças de quadrilha e forró, fogueiras, balões e casamentos na roça. A estação? O inverno. O friozinho gostoso e eu toda agasalhada, quentinha no meu berço.

Minha mãe, Alda de Freitas Passos Nassif, me chamou pelo nome de Fernanda. Alguns dias fui chamada assim. Minha avó paterna não gostou do meu nome porque era o nome do meu pai e disse que nome de ho-

mem não se colocava em menina. Minha mãe pensou em mudar meu nome para Maria do Carmo porque ela nasceu no dia de Nossa Senhora do Carmo, dia 16 de julho. Meu pai, Fernando Nassif, queria que meu nome fosse Maria da Penha porque quando eu ainda estava sendo formada, na barriga de minha mãe, ele sonhou com uma Senhora sobre uma escadaria muito alta jogando uma menina recém-nascida para ele. Quando acordou, pela manhã, contou o sonho e sabia, no coração dele, que a “cegonha” ia trazer uma menina.

Naquele tempo não tinha o exame de ultrassonografia para saber o sexo da criança e não se fazia o pré-natal. A mulher grávida tinha uma vida doméstica comum, o parto era feito por parteira sem especialização e quando havia alguma complicação a criança morria sem socorro médico ou a mãe morria de parto. A parturiente, quando o parto transcorria normal, levava um mês em repouso absoluto “com resguardo” como se dizia antigamente; havia restrições na alimentação e o banho da cintura para baixo, era no quarto com água morna.

Meu pai, Fernando Nassif, viajava todo mês para Salvador, a fim de comprar farinha de trigo no Moinho da Bahia, depois Moinho Salvador porque o primeiro moinho fechou. Na segunda semana do mês de julho, minha mãe já estava bem recuperada e entregue aos cuidados de tia Cecy, meu pai pode, tranquilamente, ir a Salvador fazer as compras para a padaria.

Ao sair do Moinho da Bahia foi ao centro da cidade e passando em frente a uma loja de discos, aqueles de 78 rotações por minuto (78RPM), ouviu uma valsa muito bonita chamada Suely. Ele comprou o disco e ao chegar à padaria onde ainda morávamos, colocou para tocar na “radiola”. Ouvindo a música meu nome passou a ser Suely. A valsa era da autoria do acordeonista Antenógenes Silva com letra de Miguel Lima e era cantada por Alcides Gerardi, a letra era assim:

*Suely és linda, e fascinante,
Murmura a todo instante,
Teu nome encantador,*

*Suely és a simplicidade,
E a felicidade,
De um grandioso amor!*

*Suely, palavra pequenina,
Perfume que alucina,
Mulher fascinação!*

*Suely, divina fantasia,
Que enche de alegria,
Meu terno coração!*

Meu avô paterno Miguel Nassif emprestou uma das suas casas de aluguel do lado esquerdo da Praça Rui Barbosa, lado oposto ao da padaria, onde moramos até os meus quatro anos no dia 26 de junho de 1956. No dia 29 de junho do mesmo ano, dia de São Pedro, nós mudamos para esta casa comprada com muito sacrifício por meu pai.

Esta casa pertencia à Usina Aliança e morava nela o gerente do armazém. A usina mantinha o armazém para os cortadores de cana fazerem as suas compras (vale ressaltar que os cortadores de cana deixavam o dinheiro que recebiam quinzenalmente para a usina), como também para pessoas da comunidade. Quando o gerente da usina, Sr. Elenauro, colocou a casa situada ao lado da igreja à venda, o gerente do armazém procurou Sr. Elenauro e informou que não achou comprador para a referida casa e sim para a que ele estava morando. Sr. Elenauro mandou-o mudar-se para a casa ao lado da igreja e o referido gerente anunciou a venda desta

casa. Meu pai a comprou e soube dessa história através do Sr. Elenauro no dia em que, acompanhado de meu padrinho, Sr. Aristides Leal de Carvalho, fornecedor de cana para a Usina Aliança, foi efetuar o pagamento.

Meu padrinho ajudou meu pai a comprar a nossa casa. Ela custou “cem contos de réis” e meu pai, quinzenalmente, ia restituindo o dinheiro ao meu padrinho. Minha mãe ajudava fazendo “abafa banca” para vender. Era assim que se chamava picolé naquela época. Fazia mingau de milho verde, que um dos empregados da padaria saía com um tabuleiro vendendo. Economizava nas despesas da casa nova e também na nossa alimentação, não fazia “extravagâncias”.

Fui batizada aos cinco anos de idade, na capela da Usina Aliança e o sacerdote foi Padre Moisés. Meus padrinhos foram a irmã de meu pai, tia Ana Maria Nassif Leal de Carvalho, tia Nany como era carinhosamente chamada pelos irmãos, e o marido dela, tio Aristides Leal de Carvalho. No dia do batizado, 11 de agosto de 1957, teve um almoço para os padrinhos, sobremesa “pudim veludo”, elogiada pelo meu padrinho que pediu à minha mãe ensinasse Ana Maria a fazer a tão saborosa sobremesa e às três horas fatiou o bolo branco confeitado. Meu vestido foi cor-de-rosa. Todos os dias, no nosso café da manhã, meu pai imitava as batidas do sino da capelinha com a colher batendo na xícara até eu dizer rapidamente: “Sino da Liança!”

Tenho boas recordações dos meus padrinhos. Era muita expectativa quando eles chegavam todas as tardes de sábado montados a cavalo vindos da Fazenda Baé para fazerem a feira de domingo; eles traziam doces de goiaba e de banana feitos no tacho. Meu padrinho tinha o costume de ler o jornal – A Tarde –, que vinha da capital através do Motriz, um trem que passava todos os dias pela manhã para Salvador e retornava à noite. Ele colocava o jornal dobrado dentro do cano da bota. Um dia ele me

mandou ler porque eu ficava junto dele enquanto ele lia. Ele pensava que eu não sabia ler. Naquela época, criança da minha idade no interior não tinha Jardim de Infância, não sabia ler, só aprendia quando ia para a escola aos sete anos.

Então comecei a fazer a leitura e foi um sucesso: — “Ana Maria, Ana Maria, venha ouvir. Nossa afilhada já sabe ler!” E assim se passava os fins de semana com meus padrinhos que vinham fazer a feira e ficavam na casa de meus avós, retornavam no domingo à tarde para a fazenda com as compras dentro de dois “caçuás” pendurados em um cavalo, o vaqueiro em outro cavalo, meus padrinhos também em suas montarias, vestidos a rigor, muito adeus e beijos até chegar o próximo fim de semana. O vaqueiro ia diariamente à rua comprar alguma coisa, trazer notícias, levar o jornal.

Eu tinha uma amiga invisível que se chamava Claudia. Minha mãe contava que eu brincava muito com ela. Passeava no quintal com Claudia, brincava de boneca com Claudia; depois que fui batizada, nunca mais brinquei com Claudia; minha mãe dizia que era porque eu era pagã. Também gostava de conversar com um porquinho que tinha no quintal. Eu não tive irmãos, então, conversava até com o pobre do porco, contava a ele quando minha mãe me batia: — “Porquinho, porquinho, mainha me bateu!” Stella Assis, uma amiga de minha mãe, lembrava-se disso e contava com muita graça.

Foi ela quem me levou de trem para a cidade de Santo Amaro para extrair o primeiro dente com Dr. Gilberto Valladares, colega de minha mãe quando eles estudaram o curso de ginásio no antigo Ginásio Santamarrense. Mais tarde ele foi meu professor de Biologia no Colégio Teodoro Sampaio.

O trem, ao qual me refiro, era o meio de transporte daquela época em Jacuípe. Nas laterais das classes tinha as letras RFFLB – Rede Ferroviária Federal Leste Brasileira. Ele vinha de Catuiçara, que passou a ser Bom Jardim e hoje é a cidade de Teodoro Sampaio. O trem passava no horário das sete horas com destino a Santo Amaro. As passagens eram vendidas com antecedência, numeradas de primeira, segunda ou terceira classe.

Quando acontecia algum atraso, os chefes das estações avisavam uns aos outros, através de um aparelho chamado telégrafo. As informações transmitidas pelo telégrafo eram registradas sob a forma de um documento gráfico; estes sinais eram chamados de Código Morse; a pessoa que usava esse aparelho tinha que saber traduzir os códigos que eram formados por pontos e traços (–). O chefe da estação de trem local era o Senhor Álvaro José de Santana pai da minha amiga de infância Odete de Santana.

CAPÍTULO II – Minha infância

“Não me cabe conceber nenhuma necessidade tão importante durante a infância de uma pessoa que a necessidade de sentir-se protegido por um pai”.

Sigmund Freud

Minha infância foi muito feliz, tive muitos brinquedos e bonecas que eu brincava com as crianças da minha rua, ou seja, o lado esquerdo da Praça Rui Barbosa. A mais amiga era Aidê Maria Almeida Silva. Brincávamos de roda, de três, três passará derradeiro ficará (nós não dizíamos os verbos no plural: passarão e ficarão), de anel, anel onde está meu anel? De capitão que era um jogo com pedrinhas de seixo, de macaco que hoje é conhecido como amarelinha.

As amigas Odete de Santana e Salete Maria Oliveira moravam na Avenida Lauro de Freitas, não saíam à noite para brincarmos e de vez em quando nossas mães faziam convites para passarmos o dia “uma amiga na casa da outra.” Salete foi minha colega de turma durante o curso primário e concluímos o 5º ano na mesma sala de aula, Odete e Aidê eram de outra turma, mas nós nos encontrávamos no recreio.

Nossos pais ficavam sentados nas cadeiras do passeio das nossas casas olhando as brincadeiras após o jantar; não tinha televisão, a distração era conversar com os vizinhos que também sentavam para assistir as brincadeiras dos filhos. Antes do jantar, às seis horas, nossas mães nos chamavam para rezar. Tocava a Ave Maria na rádio Excelsior.

Era a Ave Maria de “Gounod” e na rádio Sociedade tocava a Ave Maria de “Schubert”. Algumas semanas antes do Natal nós armávamos os nossos presépios.



Eu armava o presépio de Aidê Maria Almeida Silva, amiga de infância, que morava na mesma rua. Nós ficávamos olhando o presépio, fazendo planos para a noite do Natal, e sonhando com o tão esperado presente de Papai Noel. Eu fazia a carta para meu pai entregar a Papai Noel no mês de novembro quando ele ia para Salvador comprar farinha de trigo, então, comprava o meu presente e guardava até a noite de Natal. O pedido sempre era uma boneca. Naquela época as marcas das bonecas eram “Estrela” e “Troll”, eram lindíssimas!

Um ano o Papai Noel trouxe um acordeon (ou acordeão) e meu pai contratou uma professora de música em Santo Amaro, Maria Antonieta Sacramento, que viajava de trem aos sábados para as aulas de música em nossa casa durante dois anos. Eu tocava muitas músicas que meu pai adorava ouvir após o jantar sentado na varanda de nossa casa. A que ele mais gostava era “La Paloma”. Voltando ao comentário de como era o Natal naquele tempo, a casa era toda enfeitada com arranjos natalinos, a mesa cheia de doces, frutas cristalizadas, nozes, avelãs, castanhas do Pará, queijo, bolos.

Antes de dormir eu colocava um prato com os doces e uma Coca-Cola junto do meu sapato, atrás da porta, para Papai Noel comer quando chegasse com o tão sonhado presente. E eu ficava muito triste porque não via a sua chegada, pois deixava sempre um recado com meus pais dizendo que tinha muitos brinquedos para levar para as outras crianças e ele tinha que fazer isso antes da meia noite. Sempre com muita pressa, pedia para eu continuar bem-comportada e tirar boas notas na escola. Meus padrinhos vinham da fazenda passar o Natal na casa de meus avós paternos e um ano eu estava decidida a não dormir para encontrar com Papai Noel.

Minha madrinha me colocou no colo e todas as tias e tios, sentados na porta da casa de meus avós, em conversa animada, eu sonolenta, minha

madrinha perguntou: — Já está com sono Su? Eu respondi: — Esse olho daqui tá, mas esse não. Foi gargalhada geral.

Minhas festas de aniversário minha mãe as fazia, entre São João e São Pedro, com ornamentação junina na sala. Meus padrinhos chegavam a cavalo; as mães da criançada da minha rua e todos juntos em volta da mesa cheia de doces cantavam os parabéns e apagavam a vela com o número correspondente à idade comemorada. Comíamos os doces, educadamente, com receio de levarmos ‘carões’ depois da festa, caso fizéssemos alguma falta de educação.

As festas de São João eram animadíssimas. Nossas mães faziam nossas roupas típicas para a festa. À noite acendiam-se as fogueiras, os amigos dos nossos pais bebiam licor de jenipapo e comiam canjica em nossas casas, ocasião para receber visitas e receber elogios sobre o sabor do licor e da canjica. A criançada *acendia* fogos, que eram permitidos para a idade, como: traque de massa, fósforo colorido, chuva de prata. Os adultos *acendiam* adrianino, chuveiro e soltavam balões, cada um mais bonito que o outro. O céu ficava todo pintadinho de balão, como dizia na música; e por falar em músicas eram tocadas nas estações de rádio, e o rei do forró era Luiz Gonzaga. Depois que acabava o movimento das visitas pedindo licor, “São João passou por aí?” meus pais assavam milho na fogueira e íamos dormir bem tarde. No outro dia comentávamos a festa no café da manhã. Tinha uma música junina que eu achava bonita, até hoje eu a recorro e cantarolo, era assim:

*Olha prá o céu meu amor,
Vêja como ele está lindo!
Olha prá aquele balão multicolor
Que lá no céu vai subindo...
Foi numa noite igual a esta,
Que tu me deste teu coração...*

Até os seis anos de idade eu estudei em casa com minha mãe. As primeiras letras eu as aprendi na Carta de ABC. Meu pai comprou uns dados de madeira com o alfabeto em alto relevo, cada letra pintada de vermelho, em uma livraria em Salvador.

Meu segundo livro foi A Cartilha do Povo do professor Lourenço Filho, e aprendi os números e a fazer as quatro operações da “aritmética,” estudando a tabuada e tomando puxões de orelha quando errava um número. Fui para a escola com sete anos porque era com essa idade que éramos matriculados no primeiro ano primário.

Naquela época, Jardim de Infância só tinha em Salvador e Feira de Santana, então aprendíamos em casa as primeiras letras, a soletrar, fazíamos cópia de pequenos textos, aprendíamos as contas de somar de mais de três parcelas, conta de subtrair, multiplicar e dividir e também os algarismos romanos até o número cinquenta. Minha primeira professora se chamava Cremilda Verne de Abreu Ribeiro.

Minha Primeira Comunhão foi aos sete anos, no mês de novembro, com preparação da nossa professora, nas aulas de Catecismo que aconteciam aos sábados. Na véspera da festa da comunhão, o jovem padre, Monseñor Luís Ferreira de Brito, recém-chegado na paróquia de São Sebastião, ia para Jacuípe fazer as confissões e ficava hospedado na casa da diretora da nossa escola, professora Maria da Glória Silva Costa.



As Escolas Reunidas de Jacuípe, anos depois, passou a ser Grupo Escolar de Jacuípe e era mantido pela Secretaria de Educação do Estado. No dia da comunhão ficávamos em jejum até a hora da missa que começava às dez horas. A igreja cheia de crianças, professores, pais e convidados, muito calor, sofriamos com fome e muitas crianças desmaiavam, mas para receber Jesus Cristo valia a pena o sacrifício. Meu vestido branco foi costurado por Maria Cândida Reis, tinha uma barra plissada que foi feita na cidade de Santo Amaro. Na mão esquerda uma vela ornamentada com um laço branco de fita cetim que chegava a entortar por causa da quentura da mão. Um livrinho de orações chamado “Adoremus” e um terço eram segurados na mão direita.

Depois da missa que acabava meio dia, tirávamos fotografia, em preto e branco numa máquina Kodak antiga, em frente a igreja com o sacerdote, tinha almoço com a família e à tarde, mesa de doces com bolo confeitado para os convidados. As fotografias eram reveladas em Feira de Santana e só chegavam um mês depois da festa, eram aguardadas ansiosamente e mostradas à família e aos amigos com muito orgulho.

Quando eu fiz 8 anos, minha mãe me levou para a cidade de Santo Amaro e visitamos a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ela pediu ao padre Fenelon Costa para me conceder a bênção da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo. Eu me lembro que fiquei ajoelhada na Sacristia da Igreja, o padre fez orações com as mãos sobre minha cabeça e colocou o Escapulário de Nossa Senhora do Carmo em meu pescoço. Todo ano minha mãe rezava a novena de Nossa Senhora.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

2018